

## Conexões atlânticas e a construção do sujeito livre: a trajetória de Frederick Douglass

Atlantic connections and the construction of the free subject: the trajectory of Frederick Douglass

**Daiani Barbosa**

Doutoranda em História Social  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  
daianisilvabarbosa@gmail.com

**Recebido:** 30/09/2022

**Aprovado:** 07/02/2023

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo demonstrar de que forma a trajetória de Frederick Douglass se relaciona com a História Atlântica por meio da análise de sua primeira autobiografia, *A Narrative of the Life of Frederick Douglass, an American Slave* (1845). Figura proeminente no contexto histórico norte-americano do século XIX, Douglass estabeleceu contatos transnacionais que também o influenciaram. Por isso, partimos da hipótese de que a trajetória do ex-escravo e abolicionista reflete uma relação com o contexto da História Atlântica, demonstrando a complexidade dos contatos e diálogos no mundo escravista do século XIX, notadamente nos continentes europeu e americano, além de ter sido importante para a construção da identidade do próprio Douglass.

**Palavras-chave:** Autobiografia; Frederick Douglass; História Atlântica; Modernidade

**Abstract:** This article aims to demonstrate how the trajectory of Frederick Douglass relates to Atlantic History through the analysis of his first autobiography, *A Narrative of the Life of Frederick Douglass, an American Slave* (1845). A prominent figure in the nineteenth-century American historical context, Douglass established transnational contacts that also influenced him. Therefore, we start from the hypothesis that the trajectory of the former slave and abolitionist reflects a relationship with the context of Atlantic History, demonstrating the complexity of contacts and dialogues in the nineteenth-century slave world, notably on the European and American continents, and was also important for the construction of Douglass' own identity.

**Keywords:** Autobiography; Frederick Douglass; Atlantic History; Modernity

## Introdução

Ao longo dos últimos anos, pesquisas sobre o mundo atlântico foram sendo desenvolvidas em números cada vez maiores. O novo olhar que a História Atlântica proporcionou aos historiadores, possibilitou análises que priorizavam trajetórias, conexões e dinâmicas específicas de territórios que se conectam através da circulação de mercadorias, pessoas e ideias. A História Transnacional do espaço atlântico, analisada pela História Cultural e Social, além da econômica e política, é também um meio de analisar trajetórias de sujeitos que só podem ser completamente entendidos nesse contexto diaspórico.

O objetivo deste artigo é analisar a trajetória do ex-escravo e abolicionista norte-americano Frederick Douglass em diálogo com a História Atlântica. Ao considerar sua autobiografia, *A Narrative of the Life of Frederick Douglass, an American Slave*, escrita em 1845, e seus deslocamentos, pretendemos demonstrar a complexidade da figura de Douglass, em constante interação com a sua realidade local - a escravidão e a luta abolicionista nos Estados Unidos - e global - seu exílio na Grã-Bretanha, seus contatos nas Américas e sua influência.

O ato de narrar a própria história confere ao ex-escravo a possibilidade de se autoafirmar por meio de suas experiências e da tentativa de resgate de suas origens e da construção de uma nova identidade. Em diálogo e, ao mesmo tempo, na contramão das pesquisas que sustentam a inevitável morte social e a sujeição do escravo, pretendemos enfatizar a ação e formas de sobrevivência e construção de si, entre a escravidão e a liberdade.

Assim,

Essa guinada rumo à morte como libertação do terror e da escravidão e como uma oportunidade para encontrar liberdade substantiva, se ajusta perfeitamente à célebre noção de escravidão de Orlando Patterson como um estado de “morte social”. Ela alude à importância de se perceber a consciência do escravo como envolvendo um ato ampliado do luto. A preferência de Douglass pela morte prontamente se ajusta ao material arquivístico sobre a prática do suicídio entre escravos e necessita também ser vista ao lado de outras representações da morte como recurso que pode ser encontrado no início da ficção africano-americana. (GILROY, 2019, p. 140-141)

O episódio conflituoso entre Douglass e o sr. Edward Covey, nos mostra, como Gilroy (2001) ressalta, a determinação do escravizado em se impor e lutar por sua liberdade, mesmo que ela

signifique a morte. Douglass foi enviado a Covey pelo seu senhor, Thomas, por um contrato de um ano a fim de ser “amansado”, lá, protagonizou um dos episódios mais significativos da afirmação de sua força e sua liberdade como homem:

[...] Muito antes do amanhecer, fui chamado para lavar, escovar e alimentar os cavalos. Obedeci e o fiz com muito gosto. Mas enquanto me ocupava disso, e no ato de deitar fora algumas folhas do palheiro, o sr. Covey entrou no estábulo com uma longa corda e, enquanto metade do meu corpo se esticava para fora do palheiro, agarrou minhas pernas e pôs-se a me amarrar. Tão logo descobri o que ele pretendia, dei um pulo súbito e, ao fazê-lo, como ele me segurava as pernas, acabei me esparramando no chão do estábulo. O sr. Covey pareceu pensar que agora ele me tinha nas mãos e poderia fazer o que bem entendesse, mas, nesse momento – de onde me veio esse espírito eu não sei –, decidi lutar. Adequando a ação à resolução, agarrei Covey pelo pescoço com força e me levantei. Ele se agarrou a mim, e eu me agarrei a ele. Minha resistência foi tão inteiramente inesperada que Covey pareceu surpreso. Tremia como uma folha. Isso me deu confiança, e eu o segurei sem só, vertendo sangue de onde as pontas dos meus dedos o tocavam. O sr. Covey logo pediu ajuda a Hughes, que veio tentar amarrar minha mão direita, enquanto Covey me segurava. Ao me esforçar para fazer isso, aproveitei uma chance e dei-lhe um pesado chute bem debaixo das costelas. O chute infligiu-lhe tamanha náusea que Hughes me deixou nas mãos de Covey. Esse chute tivera o efeito de enfraquecer não apenas Hughes, mas também Covey, cuja coragem, vendo Hughes dobrando-se de dor, titubeou. Ele me perguntou se eu pretendia insistir na minha resistência. Eu disse que sim, fossem quais fossem as consequências; que ele me tratara feito uma besta por seis meses, e que eu estava determinado a não mais me deixar ser usado daquela forma. Com isso, ele fez de tudo para me arrastar até um pedaço de pau largado à porta do estábulo. O objetivo era me botar para dormir. Mas bem quando se agachava para pegar o pedaço de pau, eu o agarrei com as duas mãos pelo colarinho e o derrubei no chão, com um puxão súbito. A essa altura, Bill apareceu. Covey disse: “Agarre-o, agarre-o!”. Bill respondeu que seu senhor o alugara para trabalhar, não para ajudar no açoite de escravos. Disse isso e se retirou para que Covey e eu nos resolvêssemos. Ficamos nisso por quase duas horas. Covey, afinal, me deixou ir. Arfava, esbaforido, e dizia que, se eu não tivesse resistido, ele não teria me surrado tanto. A verdade é que não me surrou coisa nenhuma. Na minha estimativa ele tivera a pior sorte na barganha, pois não me arrancou sangue nenhum, mas eu, sim, arranquei dele. Durante os seis meses seguintes que passei com o sr. Covey, ele nunca me levantou um dedo. Ocasionalmente, dizia que não queria me ensinar outra lição. “Não”, eu pensava comigo, “você não quer isso, pois vai lhe sair mais caro do que da última vez.” (DOUGLASS, 2021, p. 107-108)

Neste artigo, focamos nas estratégias de resistência empreendidas por Douglass e que procuravam afirmar a vida ao invés da morte, e a liberdade ao invés do terror. Por isso, nos afastamos do episódio narrado por Douglass que, apresentando um certo capitão Anthony, “um

homem cruel, endurecido por uma longa vida escravizando seus semelhantes”, descreveu o flagelo de sua tia:

Este acontecimento se deu pouco depois que eu fui viver com meu antigo senhor, sob as seguintes circunstâncias. Tia Hester saiu certa noite – para onde e com que intuito não sei dizer – e estava ausente quando meu senhor desejou sua presença. Ele lhe ordenara que não saísse à noite e a alertara para que nunca se deixasse flagrar por ele companhia de certo rapaz, pertencente ao coronel Lloyd, que andava de olho nela. O nome do rapaz era Ned Roberts, conhecido, em geral, como o Ned de Lloyd. Por que meu senhor tomava tantos cuidados em relação à minha tia, pode-se conjecturar com certa precisão. Era uma mulher de porte nobre e proporções graciosas; poucas havia que a igualassem, e era ainda menor o número das quais a superavam, em aparência pessoal, entre as mulheres negras e brancas dos arredores.

Tia Hester não apenas desobedeceu as ordens do meu senhor ao sair, como foi encontrada na companhia do tal Ned de Lloyd, circunstância que, pelo que descobri ouvindo-o açoitá-la, constituía sua principal ofensa. Fosse ele um homem de moral pura, seria possível imaginá-lo preocupado em proteger a inocência de minha tia; mas aqueles que o conheceram jamais discernirão nele uma virtude dessa natureza. Antes de açoitá-la, ele a levou à cozinha e a despiu do pescoço à cintura, desnudando inteiramente pescoço, ombros e costas. Disse-lhe, então, que cruzasse as mãos, xingando-a de cadela maldita. Com uma corda, amarrou firmemente as mãos da minha tia e a conduziu até o banco sob um grande gancho. Agora ela se achava perfeitamente posicionada para seu intuito infernal. Os braços esticavam-se para cima, de forma que minha tia se mantinha na ponta dos pés. Ele, então, disse: “Agora, cadela maldita, vou te ensinar a desobedecer às minhas ordens!”. Tendo enrolado as mangas da camisa, pôs-se a castigá-la com o chicote pesado, e logo o sangue morno e rubro (entre gritos dilacerantes da parte dela e imprecações terríveis da parte dele) começou a cair aos pingos no chão. Fiquei tão mortificado diante daquela visão que me escondi no armário, e só ousei sair muito depois de encerrada aquela transação sangrenta. Achava que eu seria o próximo. Tudo isso era novo para mim. Nunca tinha visto nada como aquilo antes. Vivera sempre com minha avó nos limites da propriedade, onde ela havia sido posta para criar as crianças das mulheres mais novas. Até aquele momento, portanto, eu estivera fora do alcance das cenas que aconteciam frequentemente na fazenda. (DOUGLASS, 2021, p. 47-49)

Em vista de nossos objetivos apresentados, não aludimos às importantes discussões em torno do açoitamento da tia Hester e às implicações possíveis no jovem Douglass ao ser testemunha desta tortura e identificá-la como sua primeira incursão na realidade da escravidão. Tais questões podem ser encontradas em Hartman (1997), Moten (2020) e Sharpe (2010). Nos detemos à sua autoafirmação, tendo em mente o embate Douglass versus Covey.

### Algumas considerações acerca da História Atlântica

O historiador Russell-Wood (2009) nos apresenta um panorama do campo de estudos da História Atlântica. Segundo ele, a forma como a história das colônias vinha sendo abordada até o começo da década de 1970 privilegiava uma visão eurocêntrica, porém, posteriormente, passou-se a se considerar as contribuições da História Social e Cultural e a análise da “história dos de baixo”, cujas pesquisas se desenvolveram a partir do trabalho de marxistas ingleses como E.P. Thompson e Raymond Williams (CEVASCO, 2003). No campo específico da História Atlântica, Russell-Wood destaca a contribuição do historiador norte-americano Jack P. Greene, afirmando que

Já no início da década de 1970 houve uma iniciativa da parte de um grupo de historiadores da Universidade Johns Hopkins, liderados por Jack P. Greene, que lançaram uma iniciativa com antropólogos e adotaram o Atlântico como campo de pesquisa caracterizada por metodologias interdisciplinares e uma perspectiva comparativa. Procuraram fugir do molde imperial ou nacionalista para atravessar divisas e fronteiras, para estudar os movimentos das pessoas, de animais, de plantas e mercadorias numa escala não apenas Atlântica mas global, para reconstituir o ir e vir de idéias, estilos, modas e artes. A intenção foi reunir estudiosos de várias disciplinas que contribuíssem para a criação de uma nova perspectiva e uma aproximação original à riqueza de facetas do Atlântico e da interconectividade dos povos nos continentes banhados pelas suas ondas. (RUSSELL-WOOD, 2009, p 19)

No contexto do desenvolvimento e diversidade de temas e metodologias no campo da História, a História Atlântica aparece como um campo interdisciplinar e amplia a possibilidade do conhecimento de sujeitos cujas histórias ainda não tenham sido investigadas, mas que contribuíram e ilustram a dinâmica do mundo atlântico do século XIX.

A divisão proposta por Armitage (2014) em torno da História Atlântica nos ajuda a compreender sua complexidade. Segundo o autor, ela pode ser entendida a partir de três conceitos, a saber: “1) História circum-atlântica - a história transnacional do mundo atlântico; 2) História trans-atlântica - a história internacional do mundo atlântico; 3) História cis-atlântica - a história nacional ou regional dentro de um contexto atlântico.” (ARMITAGE, 2014, p. 209). Essas categorias são importantes para a análise e o desenvolvimento do conhecimento sobre o mundo Atlântico ao permitir a exploração de diversos aspectos. De acordo com Armitage,

Os três conceitos de história Atlântica aqui delineados não são excludentes, mas se reforçam. Em conjunto, eles oferecem a possibilidade de uma história tridimensional do mundo atlântico. Uma história circum-atlântica se basearia nos

frutos de várias histórias cis-atlânticas, gerando comparações entre elas. A história trans-atlântica pode ligar essas histórias cis-atlânticas devido à existência de um sistema circum-atlântico. A história cis-atlântica, por sua vez, alimenta as comparações trans-atlânticas. Este conjunto de histórias em “fertilização cruzada” pode mostrar que a história atlântica é a única história oceânica que possui estas três dimensões conceituais, porque talvez seja a única que pode ser interpretada ao mesmo tempo a partir de um recorte transnacional, internacional e nacional. Comparações globais entre diferentes histórias oceânicas ainda não foram sequer imaginadas, mas devem ser centrais para qualquer história oceânica futura. (ARMITAGE, 2014, p. 215)

Um dos objetivos da História Atlântica é deixar de ser a história dos europeus no Atlântico para tornar-se o estudo de diversas interações, sem desconsiderar as contribuições de outras sociedades, notadamente de africanos. Dessa maneira,

[...] a perspectiva transnacional da História Atlântica pode contribuir para romper com os conceitos de uma história “dos impérios”, podendo avançar na medida em que a produção historiográfica for ampliada. Essa perspectiva teórico-metodológica demanda atenção para pessoas, produtos, práticas culturais que mantiveram intercâmbio pelo atlântico de forma interligada, das comunidades com o global. Trata-se de romper com uma história etnicamente homogênea, desconstruindo a invenção de que teriam sido os europeus os ocupantes exclusivos do atlântico, pois à medida em que o oceano estabelecia conexões entre diferentes povos e suas singularidades, foi possível aproximá-los na mesma história. (CECATTO, 2017, p. 173)

Portanto, de acordo com Schlickmann,

*A História Atlântica* é um modo de investigação histórica que enfatiza aspectos que ultrapassam ou transcendem isolamentos impostos por fronteiras nacionais, por relações colônia/império, pelo eurocentrismo e pelo foco nas grandes civilizações. Ela se propõe a analisar o objeto de pesquisa sempre em relação com o mundo atlântico daquele momento, ressaltando as conexões, as redes diaspóricas, os intercâmbios, dando assim protagonismo a lugares e populações usualmente tidas como coadjuvantes e passivas. [...]. (SCHLICKMANN, 2016, p. 237. grifos da autora)

O historiador John Thornton (2004) nos mostra que no campo historiográfico francês da segunda metade do século passado, o continente africano ainda continuava sendo analisado sob o ponto de vista eurocêntrico e com certa passividade no que diz respeito à dinâmica do Atlântico. Segundo o historiador, o desenvolvimento dos estudos sobre a África, com a historiografia nacionalista e afro-americana não rompeu com a visão de um continente dependente, assim,

Aliada a essas diversas linhas de pesquisa que sugerem a passividade da África em suas relações com a economia do Atlântico, há uma ênfase igualmente forte em relação à passividade dos africanos que partiram da África no comércio de escravos. Os escravos deixaram escassa documentação sobre suas impressões. Nesse sentido, grande parte da pesquisa sobre escravidão reflete o trabalho dos teóricos da dependência. Assim como o surgimento dos partidários do Terceiro Mundo emergente que procuraram refutar a imagem colonialista auspiciosa de uma Europa progressiva resgatando o mundo colonial de seu atraso social e econômico, os historiadores especialistas em escravidão americana na época da luta pelos direitos civis e pelo movimento pela liberdade e igualdade racial e social dos negros nos Estados Unidos procuraram demolir o retrato tradicional do escravo contente. Ao sublimar a severidade da escravidão americana, eles argumentaram que o sistema privava o escravo de cultura, iniciativa e até mesmo de personalidade. Mas, a despeito da simpatia generalizada pela difícil situação dos escravos e de seus descendentes no Novo Mundo, eles reforçam a imagem dos escravos como indefesos e passivos. Historiadores radicais buscaram explicar a cultura e a religião dos escravos em termos da instituição da escravidão, reduzindo desse modo a identidade do escravo. (THORNTON, 2004, p. 45)

Em contrapartida a esta tendência e, portanto, baseados na hipótese de Thornton, de que os africanos foram participantes ativos e ajudaram a construir o mundo atlântico, analisaremos a trajetória do afro-americano Frederick Douglass e sua influência no mundo atlântico.

### **Frederick Douglass e a tarefa de construir-se a si mesmo**

Frederick Douglass<sup>1</sup> nasceu em 1818, em Tuckahoe, em Maryland, nos Estados Unidos, sua mãe foi uma escravizada cujo nome era Harriet Bailey, com quem teve pouco contato, já que foram separados após o seu nascimento, tendo ele permanecido com a avó. De seu pai, pouco se tem notícia, a não ser a hipótese de que se tratava de seu próprio senhor<sup>2</sup>. Escreveu três biografias<sup>3</sup>, sendo a primeira, a qual analisamos - *A Narrative of the Life of Frederick Douglass, an American Slave* - publicada em 1845. A obra de Douglass teve grande repercussão nos Estados Unidos, a ponto de ser desacreditada por alguns ao duvidarem da capacidade de escrita e eloquência do ex-escravo (DWORKIN, 2021). Sua autobiografia foi escrita para o povo americano a fim de demonstrar a

---

<sup>1</sup> Seu verdadeiro nome era Frederick Augustus Washington Bailey. Mudou seu sobrenome para Douglass em 1838, quando alcançou a liberdade. Em suas palavras: “Precisava agarrar-me àquele nome [Frederick] para preservar um senso da minha identidade. O sr. Johnson vinha lendo ‘A dama do lago’ e logo me sugeriu Douglass.” (DOUGLASS, 2021, p. 143)

<sup>2</sup> DOUGLASS, 2021, p. 12

<sup>3</sup> A segunda autobiografia foi intitulada *My Bondage and My Freedom* (1855) e a terceira, *Life and Times of Frederick Douglass* (1881).

desumanidade da escravidão, mas também enfatizar a humanidade do escravo, ou seja, o propósito de Douglass era denunciar a escravidão e afirmar-se como homem. Mesmo que tenha sido escrito com foco no povo americano, a autobiografia não deixa de antever aspectos na vida de Douglass, nos quais podemos enxergar as influências e os contatos externos, mesmo enquanto escravo. Ao refletir sobre o seu nascimento logo no primeiro capítulo, ele questiona:

Cada ano traz consigo uma multidão dessa classe de escravos [nascidos pelo estupro]. Foi, sem dúvida, por conhecimento desse fato que um grande estadista do Sul predisse a derrocada da escravidão pelas leis inevitáveis da demografia. Cumpra-se ou não a profecia, está óbvio que uma categoria de pessoa de aspecto bem diferente segue crescendo ao Sul, e é agora mantida na servidão, a partir daquelas originalmente trazidas da África para esse país, e, ainda que seu crescimento não faça nenhum outro bem, servirá ao menos para abalar a força do argumento de que Deus amaldiçoou Cam, sendo justa, por conta disso, a escravidão na América. Se os descendentes em linha reta de Cam são os únicos cuja servidão está de acordo com as Escrituras, é certo que a escravidão no Sul do país logo perderá seu fundamento bíblico, pois milhares são anualmente introduzidos nesse mundo, devendo sua existência, como eu, a pais brancos que, muito frequentemente, são seus próprios senhores. (DOUGLASS, 2021, p. 46, grifo nosso)

Após relatar as esparsas informações que possuía acerca de seu nascimento, Douglass avança em sua *Narrativa* descrevendo o funcionamento e as condições em que vivia na fazenda do coronel Edward Lloyd, onde permaneceu até os sete anos de idade. Douglass afirma que entre os escravos da fazenda havia um certo orgulho, em vista da opulência das riquezas de Lloyd, porém, ele não deixa de demonstrar que, mesmo ali, onde eram relativamente “bem tratados”, a vida não era fácil, como se pode verificar pelo açoitamento de sua tia Hester e no relato da caminhada dos escravizados selecionados para trabalharem na principal propriedade de Lloyd, a Fazenda do Solar:

Os escravos que são selecionados para irem à Fazenda do Solar recolher as provisões mensais, as suas e as de seus companheiros, mostravam-se particularmente entusiasmados. No caminho, faziam reverberar as densas e antigas florestas ao redor com canções desvairadas, revelando a um só tempo a mais alta alegria e a mais profunda tristeza. Compunham e cantavam durante a viagem, e não planejavam tom, nem ritmo. O pensamento que lhes ocorresse saía - se não na palavra, no som, e com frequência em ambos. Por vezes, exprimiam o sentimento mais doloroso no tom mais extasiante, e o sentimento mais extasiante no tom mais doloroso. Em todas aquelas canções davam um jeito de imiscuir alguma coisa sobre a Fazenda do Solar. Faziam isso especialmente ao partir para a Fazenda. Nessas ocasiões cantavam, muito exultantes, as seguintes palavras:



*Estou indo lá pra Fazenda do Solar!*

*Vou, sim! Vou, sim! Vou, sim!*

Cantavam isso como refrão entre versos que outros tomariam por jargão ininteligível, mas que, para eles, eram repletos de significados. Às vezes, penso que a mera audição dessas canções faria mais para imprimir em algumas mentes o caráter terrível da escravidão do que a leitura de volumes inteiros de filosofia sobre o assunto. (Ibid., p. 54, grifo do autor)

Nesse trecho, Douglass reitera a desumanização a que o escravo era submetido e suas angústias, que se manifestam até mesmo no tom da canção. Por fim, enfatiza: “É quando estão mais infelizes que os escravos mais cantam.” (Ibid., p. 55).

Ao fim de sete anos, Frederick foi enviado para trabalhar para Hugh Auld, em Baltimore. A partida fora esperada e ansiada pelo próprio Douglass, em um trecho ele reflete:

Vejo minha partida da fazenda do coronel Lloyd como um dos eventos mais interessantes da minha vida. É possível, e até bastante provável, que, não fosse pela simples circunstância de ser transferido da fazenda para Baltimore, em vez de me encontrar sentado aqui, à minha própria mesa, no usufruto da liberdade e da felicidade do lar, redigindo esta Narrativa, eu estaria confinado às correntes afluídas da escravidão. Ir morar em Baltimore estabeleceu as bases e abriu a porta para toda minha prosperidade subsequente. (Ibid., p. 71)

Em Baltimore, a nova senhora ensinou-lhe as primeiras letras. Durante toda a narrativa é possível depreender um esforço de Douglass em afirmar a importância que o conhecimento poderia ter na vida do escravo. Obter conhecimento é o caminho para se compreender e adquirir consciência do direito à liberdade. A educação significava, para Douglass, o primeiro passo para a emancipação.

[...] Depois de ter aprendido o ABC, ajudou-me [a senhora] a soletrar palavras de três ou quatro letras. Nesse ponto do meu desenvolvimento, o sr. Auld descobriu o que se passava, e de imediato proibiu a sra. Auld de dar continuidade à minha instrução, dizendo-lhe, entre outras coisas, que ensinar um escravo a ler era contra a lei, além de ser perigoso. Para usar suas próprias palavras, ele disse: “Se você der um centímetro a um preto, ele lhe tomará um metro inteiro. O preto nada deve saber que não servir a seu senhor e fazer o que lhe mandam. A educação estragaria o melhor preto do mundo”. E continuou: “Então, se você ensinar esse preto (falava de mim) a ler, nada poderá detê-lo. Isso o tornaria eternamente inútil para o serviço da escravidão. De imediato se tornaria ingovernável e sem valor algum para o seu senhor. E, no que diz respeito a ele próprio, a educação nada lhe traria que não uma boa dose de prejuízo, tornando-o triste e infeliz”. Essas palavras afundaram profundamente no meu coração, despertaram sentimentos adormecidos e

convocaram à existência uma linha de raciocínio inteiramente nova. Era uma revelação inédita e especial, que explicava fatos obscuros e misteriosos com os quais a minha razão juvenil havia em vão se debatido. Só agora eu compreendia o que para mim constituía uma dificuldade das mais desconcertantes: o poder do branco de escravizar o negro. Foi uma conquista grandiosa, e eu muito a estimei. Daquele momento em diante, compreendi o caminho para a liberdade. (Ibid., p.73)

A despeito da proibição, Douglass nos conta que persistiu no aprendizado com ajuda dos meninos da rua e realizando tarefas por conta própria. Segundo ele, a centelha de entendimento apreendido da declaração de seu senhor o motivou a continuar aprendendo e a fixar-se em como poderia fazer-se livre.

Em Baltimore, Douglass constata a diferença entre ser escravo no campo e na cidade, nota que o tratamento poderia ser diferente e que a cidade proporcionava maiores possibilidades de contato e de fuga, como o relato da breve conversa que entabulou com dois irlandeses que o incentivaram a ir para o Norte. Sua primeira tentativa de fuga, malsucedida, ocorreu somente alguns anos mais tarde.

Em 1834, Douglass começa a trabalhar para o sr. William Freeland, próximo a St. Michaels e tentaria sua fuga em 1835. Nessa altura de sua *Narrativa*, enfatiza constantemente o desejo de liberdade que o alimentava e encoraja outros a fugirem: “Disse a eles que comprometeríamos nossa virilidade, caso nos submetêssemos à escravidão sem ao menos um nobre esforço em prol da liberdade” (Ibid., p. 118). A escrita lhe foi útil para forjar sua própria licença e a de seus colegas e o caráter marítimo da região de Maryland foi fundamental para o projeto de sua partida.

O plano pelo qual nós decidimos foi o de pegar uma grande canoa que pertencia ao sr. Hamilton e, na noite de sábado, véspera do feriado de Páscoa, remar diretamente pela baía de Chesapeake subindo. Uma vez alcançada a cabeceira da baía, a uma distância de cem ou cento e vinte quilômetros de onde vivíamos, nosso propósito era abandoná-la e, sob a orientação da Estrela do Norte, irmos além dos limites de Maryland. A rota pela água era uma maneira de levantar menos suspeitas quanto à nossa condição de fugitivos: esperávamos ser tomados por pescadores, ao passo que, se seguissemos por terra, ficaríamos sujeitos a interrupções de praticamente toda sorte. Qualquer pessoa de cara branca, estando disposta, poderia nos parar e nos sujeitar a um exame. (Ibid., p. 121)

Sua primeira tentativa de fuga não encontrou êxito e ele foi levado, após passar pela prisão, de volta a Baltimore para trabalhar para William Gardner, um construtor de navios. Nessa atmosfera, Douglass volta a enfatizar o desejo de ser livre e a desumanidade da escravidão:

[...] Quando sob o serviço do sr. Gardner, andava sempre de tal modo numa espiral de emoções que não pensava em mais nada além da minha vida; e, pensando na minha vida, esquecia minha liberdade. É o que tenho observado em minha experiência na escravidão: sempre que minha condição sofria alguma melhora, essa boa sorte, em vez de ampliar meu contentamento, só ampliava meu desejo de ser livre, me estimulando a divisar formas de conquistar minha liberdade. Isso porque, como bem descobri, para se ter um escravo satisfeito é preciso destituí-lo de todo pensamento. É preciso nublar sua visão moral e mental e, tanto quanto possível, aniquilar o poder da razão. É preciso que ele não detecte nenhuma inconsistência em sua circunstância. Deve ser levado a sentir que a escravidão é correta, e só é possível convencê-lo disso quando perde toda a sua humanidade. (Ibid., p. 131)

Douglass finalmente obtém sua liberdade em 1838, mas não a descreve em detalhes na *Narrativa*, pois temia alguma implicação em relação à sua fuga para Nova York, onde logo se engajou na luta abolicionista. Sua liberdade, no entanto, não poderia ser garantida devido ao Ato do Escravo Fugitivo (1793). Por isso, ainda estava sob o risco de ser reescravizado. Porém, no período em que ficou exilado conseguiu sua alforria, comprada por ativistas ingleses, em 1847.

Na introdução à autobiografia de Douglass<sup>4</sup>, o professor Ira Dworkin destaca a importância da autobiografia de Douglass em sua afirmação como intelectual e a fidelidade de seu relato. Para ele, “a performance intelectual do autor tornou-se um argumento fundamental não apenas contra a escravidão, mas também contra a alegação americana da inferioridade racial” (DWORKIN, 2021, p. 8). As conexões e o caráter global da trajetória de Douglass são enfatizadas pelo pesquisador a partir da escrita da autobiografia:

As habilidades linguísticas que Douglass desenvolveu sistematicamente ao longo de sua juventude estabelecem uma base sólida para o cidadão moderno global que emerge de suas viagens subsequentes à Inglaterra, à Escócia, à Irlanda, à República Dominicana, ao Haiti, à Itália, ao Egito e a outros lugares. Sua influência retórica mais definitiva, a célebre antologia *The Columbian Orator* (1797), de Caleb Bingham, é incrivelmente variada no conteúdo. Ali, Douglass encontra “Escravos na Barbária, drama em dois atos”, de David Everett, exemplar do famoso gênero de narrativas de cativo do Norte africano; “Diálogo entre um senhor e um escravo”, de John Aikin; “Trecho de um discurso proferido perante a sociedade de Nova York em prol da alforria dos escravos, 12 de abril de 1797”, do reverendo Samuel Miller; e, por fim, um discurso de William Pitt, datado de 1770. Mesmo antes, quando jovem, Douglass viu-se exposto à diversidade linguística da fazenda de Lloyd, onde pôde apreciar a influência sincrética que as línguas africanas exerciam sobre os negros americanos. Seu biógrafo William S. McFeely propõe uma teoria quanto à linhagem de Douglass, especulando que seu sobrenome materno “Bailey”, sem ter uma

---

<sup>4</sup> Utilizo a primeira edição, publicada no Brasil em 2021 pela editora Penguin - Companhia das Letras. A introdução a qual me refiro foi publicada originalmente na edição norte-americana em 2014, pela Penguin Classics.

origem entre brancos do condado de Talbot, poderia ser uma variante de “Belali”, indicando uma origem muçulmana na África Ocidental. Tal conjectura, por mais inconsistente que possa ser, possibilita aos leitores de Douglass enquadrá-lo em tradições de literatura e letramento que têm raízes linguísticas árabes e islâmicas que em muito precedem a travessia atlântica dos navios negreiros. (Ibid., p. 10-11, grifos do autor)

Além das influências citadas acima, Dworkin sugere inclusive, ao citar o discurso *O que é o Quatro de Julho para o escravo* (1852), que Douglass tenha lido Marx, ou vice-versa. A relevância de Douglass foi sentida na política, ao ser nomeado como cônsul no Haiti, em 1889 e, ainda segundo Dworkin, como presidente do *Haiti Louis Mondestin Florvil Hyppolite* na Exposição Mundial Colombiana (1893), em Chicago. De acordo com o pesquisador, “O reconhecimento de Douglass por tantos e tão diversos grupos garantiu sua mobilidade cultural, a qual acompanha uma mobilidade física que inclui a fuga da escravidão e a turnê internacional como refugiado político na década de 1840.” (Ibid., p. 23).

Os deslocamentos de Douglas pela Grã-Bretanha entre 1845 e 1847, inspirou o artista britânico Isaac Julien, a produzir uma instalação em conjunto a um curta-metragem intitulado *Lessons of the Hour - a portrait of Frederick Douglass* (2019)<sup>5</sup>, em que reflete sobre a construção do sujeito diaspórico em Douglass e sua luta por justiça social. Ao enfatizar a importância que o abolicionista conferia à fotografia, Julien alude à humanidade e potência que Douglass desejava demonstrar por meio de sua imagem.

A importância de Frederick Douglass e sua obra foram percebidas também no Brasil. De acordo com Brito (2019), a segunda autobiografia escrita por Douglass, *My Bondage and My Freedom* (1855) foi traduzida e publicada no jornal *Gazeta da Tarde*, por José do Patrocínio. Assim,

[...] Com o intuito de demonstrar e convencer seus leitores da imoralidade da escravidão, Patrocínio, então proprietário do jornal, tratou de adotar o modelo bem-sucedido estadunidense de propaganda abolicionista, que era a publicação das narrativas escravas.

Assim, no dia 25 de abril de 1883, “Frederico Douglass” recebeu uma versão “brasileira” do seu nome e ficaria conhecido pelo público do Império. Sua autobiografia foi traduzida aos poucos, em diversas edições, o que durou até o mês de maio daquele mesmo ano. Douglass seria descrito pelo jornal como um homem privilegiado, dada a sua capacidade de elevar-se. Comparado a uma águia, feita para

---

<sup>5</sup> É possível visualizar trechos do filme de Julien no vídeo produzido pela *Shifting Vision*, disponível no endereço eletrônico <https://www.youtube.com/watch?v=rLWYRzkWa7k>

“pairar nas regiões altas”, Douglass foi apresentado como alguém heroico e grande. A trajetória política desse abolicionista negro não seria descrita de forma menos pomposa: “um escritor de mérito, orador veemente e mais acérrimo defensor da sua raça”. (BRITO, 2019, p. 200)

Havia também o grande interesse que Douglass nutria pelas relações raciais no Brasil. Brito destaca que, por meio de “notícias de viajantes publicadas em livros e jornais e teses científicas também disseminadas nesse tipo de mídia” (Ibid., p. 209), o abolicionista norte-americano acreditava que o Brasil seria um exemplo de que a convivência pacífica entre diferentes raças não era impossível. No entanto, essas ideias foram desenvolvidas, de acordo com Brito, somente em seus artigos jornalísticos, os quais possuíam objetivos diferentes dos de seus escritos autobiográficos, isto é, abordavam com mais profundidade a sua “identidade afroatlântica”.

Os textos em que Douglass faz referências à América do Sul, encontrados nos seus artigos publicados em jornais e discursos, geralmente não são encontrados nas suas biografias, o que faz que, também segundo Hooker, muitos dos seus biógrafos percam a dimensão transnacional do pensamento desse abolicionista (ibidem, p.27-8). Seria nos artigos publicados nos jornais e nos discursos que Douglass faria associações entre as condições de vida dos afro-estadunidenses e dos afro-latinos. Encontramos o mesmo padrão para o Brasil, uma vez que nenhuma menção sobre o país é feita nas suas autobiografias, ao contrário do que encontramos em suas falas e textos jornalísticos. Segundo Nwankwo, pesquisadora que também analisou a transnacionalidade da escrita de Douglass com base nas suas autobiografias, essa escolha do abolicionista tem muito a ver com as estratégias desse gênero literário. A isso a autora chama de “negritude binária”, que seria a opção de abolicionistas escritores como Douglass, preferirem ficar restritos ao contexto nacional. Além do mais, as biografias seriam dirigidas aos afro-americanos e não à diáspora. No entanto, a própria publicação de uma das suas biografias num jornal brasileiro mostra como essas obras poderiam tomar um alcance maior (Nwankwo, 2005, p.132,133,145). (Ibid., p. 2001)

Para Gilroy (2001), Douglass representa uma figura exemplar no que diz respeito à constituição e interações no mundo atlântico, sendo também representante da construção de uma modernidade do ponto de vista do negro escravizado. Gilroy destaca a necessidade de que a construção teórica da modernidade ocidental considere as trajetórias negras e, principalmente, sua influência cultural e política dentro do que conceitua como “Atlântico negro”.

Nesse sentido, Gilroy enfatiza a transnacionalidade das culturas e identidades negras, para ele, não é possível pensar o negro e sua experiência em termos fixos, pois sua vivência demonstra uma transitoriedade nacional, cultural e étnica, metaforizada pela imagem do navio: “um sistema vivo,

microcultural e micropolítico em movimento” (2019, p. 38) que transita entre Europa, América, África e Caribe. A transposição dos limites das fronteiras possibilita entender as dinâmicas, reapropriações e ressignificações que caracterizam a agência dos negros na modernidade, no Atlântico negro, isto é, em um sistema cultural e político que é também transnacional e intercultural. Repensar a modernidade a partir da ideia de Atlântico negro e diáspora africana, como Gilroy propõe, implica em considerar os movimentos negros não somente a partir da perspectiva local, mas também global. É perceber as diversas formas de comunicação e influência negras, como interação, variam e convivem, considerando, também, a ideia de “dupla consciência”, característica da experiência negra na modernidade.

O sistema social se manifesta através de relações de poder naturalmente conflituosas, uma vez que se insere em um âmbito de disputas constantes, as identidades e as representações revelam-se do mesmo modo e, como o decurso da história, são construídos e desconstruídos de maneiras diferentes. As identidades modernas são permeadas por singularidades que não são suficientemente compreensíveis se vistas por apenas um ângulo. Habitando um lugar de fronteira, as subjetividades se mesclam tornando-se híbridas e construindo novos sentidos que serão expressos nas ações sociais (BHABHA, 1998). A cultura é entendida como fator relacional e afirmação pela diferença. Ao pensar a região do Caribe a partir da noção de diáspora, Stuart Hall (2006) afirma que as trocas culturais diaspóricas implicam sempre traduções, que não são perfeitas, mas carregam sentidos entrelaçados que foram apropriados e rearticulados nos locais onde se estabeleceram.

Ao salientar aspectos da trajetória de Douglass, Gilroy tem como objetivo demonstrar a atuação do abolicionista na construção de si mesmo, de sua identidade, na defesa da “humanidade dos escravos africanos” e de uma visão da modernidade, alternativa à dialética do senhor e do escravo de Hegel:

Tenho em mente esta sugestiva ligação, desejo propor que leiamos um trecho da narrativa de Douglass como uma alternativa a Hegel: um suplemento, se não exatamente uma transcodificação de sua explicação da luta entre o senhor e o escravo. Em uma rica narrativa da amarga prova de força com Edward Covey, o treinador de escravos para o qual o enviaram, Douglass pode ser lido como se estivesse sistematicamente refazendo de uma maneira notável o encontro entre o senhor e o escravo, invertendo o esquema alegórico de Hegel. É o escravo, e não o senhor, que emerge da narrativa de Douglass com a “consciência que existe para si mesma”, ao passo que seu senhor se torna o representante de uma “consciência que

é reprimida dentro de si mesma”. A transformação de Douglass da metanarrativa do poder de Hegel em uma metanarrativa da emancipação é ainda mais notável por ser também a ocasião para uma tentativa de especificar a diferença entre um modo de pensar pré-racional e espiritual africano e sua própria perspectiva composta - um híbrido incômodo entre o sagrado e o secular, o africano e o americano, formado a partir da experiência debilitante da escravidão e modelada segundo os requisitos do abolicionismo. (GILROY, 2019, p. 135-136)

A ação de Douglass é sempre em busca da afirmação de sua humanidade. As fotografias, os discursos e toda a sua atividade com a imprensa manifesta esse desejo de se destacar intelectualmente como sujeito capaz de construir sua própria história, sem comandos e sem amarras. No entanto, conforme se mostra a realidade do negro norte-americano apontado por Du Bois, Douglass está em constante conflito com,

[...] um mundo que não lhe deixa tomar uma verdadeira consciência de si mesmo e que lhe permite ver a si mesmo apenas através da revelação do outro mundo. É uma sensação peculiar, essa consciência dual, essa experiência de sempre enxergar a si mesmo pelos olhos dos outros, de medir a própria alma pela régua de um mundo que se diverte ao encará-lo com desprezo e pena. O indivíduo sente sua dualidade - é um norte-americano e um negro; duas almas, dois pensamentos, duas lutas inconciliáveis; dois ideais em disputa em um corpo escuro, que dispõe apenas de sua força obstinada para não se partir ao meio.

A história do negro norte-americano é a história desse conflito - desse desejo de tomar consciência de si mesmo como homem, de fundir esse duplo eu em um único indivíduo, melhor e mais verdadeiro. [...] (DU BOIS, 2021, p. 23)

A história de Douglass pode ser identificada tanto no contexto americano quanto no de outros negros em diáspora. Dessa maneira, suas incursões por diversos países, seus escritos e construção de sua imagem serviram também como exemplo e inspiração para a luta abolicionista e continuaram sendo importantes também nos movimentos negros dos anos posteriores, como destaca Dworkin:

Gerações posteriores de ativistas também se voltaram para Frederick Douglass. Quando Angela Y. Davis foi demitida, no outono de 1969, de seu cargo de professora de filosofia da Universidade da Califórnia, em Los Angeles, devido a suas posições políticas, ela, como forma de protesto, ministrou o curso “Temas filosóficos recorrentes na literatura negra”, tendo Douglass como objeto. No ano seguinte, o Comitê de Nova York pela Libertação de Angela Davis publicou duas de suas palestras sobre Douglass como opúsculo - Lectures on Liberation [Palestras sobre a Libertação]. (DWORKIN, 2021, p. 21)

### Considerações finais

A trajetória de Frederick Douglass se insere em um contexto de grandes diálogos e conexões entre Europa, África e América em torno das discussões das relações raciais. Dessa forma, analisar sua autobiografia do ponto de vista afrodiaspórico permite que compreendamos seu alcance local e global.

Seja considerando os pressupostos iluministas ou descartando totalmente esses pressupostos em suas críticas, os sujeitos negros construíram uma visão de modernidade que, na maioria das vezes, tinham em mente a questão da liberdade. Como ressalta Gilroy, “As experiências históricas características das populações dessa diáspora criaram um corpo único de reflexões sobre a modernidade e seus dissabores, que é uma presença permanente nas lutas culturais de seus descendentes atuais” (GILROY, 2019, p. 108). Portanto, essas experiências, ao serem resgatadas, construíram um meio próprio de reflexão que impactam até a atualidade.

### Referências bibliográficas

ARMITAGE, DAVID. Três conceitos de História Atlântica. **História UNISINOS**, n\18(2), maio-agosto de 2014, p. 206-217.

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BRITO, Luciana da Cruz. O Brasil por Frederick Douglass: impressões sobre escravidão e relações raciais no Império. **Estudos Avançados** 33 (96), 2019, p. 199–222. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/L7mpPWfT4p4XJG6KkxmGXGC/?lang=pt>. Acesso em: 18 mar. 2022.

CECATTO, Adriano. A História Atlântica como possibilidade de abordagem metodológica para os estudos do Atlântico e o ensino de História da África. **Temporalidades – Revista de História**, ISSN 1984-6150, Edição 23, V. 9, N. 1(jan./abril 2017), p. 167-183. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5731> Acesso em: 18 mar. 2022.

CEVASCO, Maria Elisa. Primeira Lição: O tema: cultura e sociedade e Quarta lição: a formação dos estudos culturais. In: \_\_\_\_\_. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003.

DOUGLASS, Frederick. **Narrativa da vida de Frederick Douglass e outros textos**. 1ª ed. São Paulo: Penguin - Companhia das Letras, 2021.

DU BOIS, W. E. B. **As almas do povo negro**. São Paulo: Veneta, 2021 [1903].



DWORKIN, Ira. Introdução. In: DOUGLASS, Frederick. **Narrativa da vida de Frederick Douglass e outros textos**. 1ª ed. São Paulo: Penguin - Companhia das Letras, 2021.

GILROY, Paul. O Atlântico negro como contracultura da modernidade. In: **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Editora 34, UCAM, 2019 [2001].

HALL, Stuart. Pensando a Diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: SOVIK, L. (Org). **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 25-50.

HARTMAN, Saidiya V. "Terror, slavery and self-making in Nineteenth-century America". In: **Scenes of Subjection**. New York/Oxford: Oxford University Press, 1997.

MOTEN, Fred. A resistência do objeto: o grito da tia Hester. Dossiê "A Música e suas Determinações Materiais", **Revista Eco-Pós**, v. 23, n. 1, 2020.

RUSSELL-WOOD, A.J.R. Sulcando os mares: Um historiador do império português enfrenta a "Atlantic History". São Paulo, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. **História** (São Paulo), vol. 28, núm. 1, 2009, pp. 17-70. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=221014799002>. Acesso em: 18 mar. 2022.

SCHLICKMANN, Mariana. História da África e História Atlântica: contribuições e possibilidades. **Revista da ABPN**, v. 8, n. 19 • mar. 2016 – jun. 2016, p.232-247. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/34>. Acesso em: 21 mar. 2022.

SHARPE, Christina. "Making Monstrous Intimacies Surviving Slavery, Bearing Freedom". In: **Monstrous intimacies: Making Post-Slavery Subjects**. Durham & London: Duke of University Press. 2010.

THORNTON, John Kelly. **A África e os africanos na formação do mundo Atlântico - 1400-1800**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

VISION, Shifting. **Isaac Julien, Lessons of the Hour - Edinburgh Art Festival**. YouTube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rLWYRzkWa7k>. Acesso em: 21 mar. 2022.